

## O uso poético da linguagem e os conceitos de ideia, sentido e referência no pensamento de Frege

*Fábio Baltazar do Nascimento Júnior\**  
*Marcio Chaves-Tannús\*\**

**Resumo:** A partir da análise de trechos de *Sobre o Sentido e a Referência*, de Gottlob Frege, procuraremos destacar o espaço que este autor reserva ao estético. Para tanto, apresentaremos a distinção fregeana entre o uso poético e o científico da linguagem, com base nos conceitos de ideia (*Vorstellung*), sentido (*Sinn*) e referência (*Bedeutung*).

**Palavras-chave:** Linguagem. Estética. Sentido. Referência. Ideia.

### The poetic use of language and concepts of idea, sense and reference on Frege's thinking

**Abstract:** From the analysis of snippets of *Sense and reference*, by Gottlob Frege, we intend to show the place that the author maintains for the aesthetics. In order to accomplish this task, we will shed lights on Frege's distinction between poetic use and scientific use of language, on the basis of three concepts: idea (*Vorstellung*), sense (*Sinn*) and reference (*Bedeutung*).

**Keywords:** Language. Aesthetic. Sense. Reference. Idea.

### L'usage poétique du langage et les notions d'idée, de sens et de référence chez Frege

---

\* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia. *E-mail:* [fabionascimentoufu@gmail.com](mailto:fabionascimentoufu@gmail.com)

\*\* Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia. *E-mail:* [mctannus@ufu.br](mailto:mctannus@ufu.br)

**Résumé:** Par l'analyse interprétative des fragments de *Sens et référence* de Gottlob Frege, on cherchera à délimiter le lieu réservé par le philosophe à l'esthétique. Pour accomplir cette tâche, on soulignera le rôle de la distinction faite par Frege entre l'usage poétique et l'usage scientifique du langage, tout en tenant compte des notions d'idée (*Vorstellung*), celle de sens (*Sinn*) et de référence (*Bedeutung*) qu'il mobilise dans ce contexte.

**Mots-clés:** Langage. Esthétique. Sens. Référence. Idée.

## Introdução

Desde Platão, a marca distintiva entre o *logos* do artista e o *logos* do filósofo é o compromisso com a verdade. Em várias passagens de *A República*,<sup>1</sup> encontraremos críticas de Platão à arte: as fábulas dos grandes poetas apresentam falsas imagens dos deuses,<sup>2</sup> dizem mentiras que amedrontam as crianças sobre o Hades,<sup>3</sup> mostram heróis lamentosos, destemperados, em busca de riqueza,<sup>4</sup> de modo que “estas palavras [as dos poetas] são ímpias e *falsas*, pois demonstramos ser impossível que o mal provenha dos deuses” (391d, grifo nosso). Platão pensava também que os artistas estavam afastados da verdade em terceiro grau,<sup>5</sup> exatamente porque a tragédia, a pintura, a escultura e as outras artes imitariam situações ou coisas sensíveis que, por sua vez, seriam cópias da realidade eterna das Formas. A arte apresentar-nos-ia uma pálida cópia da cópia. A Filosofia, por outro lado, seria a tentativa de captar a realidade das Formas de modo mais direto.

Mesmo que rejeitemos as críticas realizadas pelo viés teológico-filosófico ou pela estética imitativa de Platão, o horizonte do problema

---

<sup>1</sup> Livros II, III e X.

<sup>2</sup> 376e-379c.

<sup>3</sup> 386<sup>a</sup>-387b.

<sup>4</sup> 388b-390e.

<sup>5</sup> Em 597e, mas a teoria é desenvolvida ao longo do livro X.

apresentado pelo grego continua o mesmo: se não pudermos dar a formas específicas do *logos* (entendido como linguagem) algum valor de verdade, ou de validade ou de um compromisso com a defesa de si mesmo diante das possíveis refutações, então não teremos meios de separar a filosofia – ou, em última instância, a própria ciência – de outras manifestações da linguagem.

É nesse contexto que pretendemos expor a posição de Gottlob Frege sobre o assunto. Tanto quanto Platão, Frege centra a distinção entre o estético e o científico no compromisso com a verdade. Mas a solução para o problema da distinção entre as duas esferas da linguagem (ciência e estética) terá, no caso do pensamento de Frege, cores conceituais muito diferentes da solução de Platão.

O texto básico que utilizaremos será *Sobre o Sentido e a Referência*, de 1892. Este artigo de Frege apresenta *insights* e distinções importantes para o que se convencionou chamar de Filosofia Analítica da Linguagem. A posição de Frege sobre a poesia e a ciência dependerá de uma elucidação dos conceitos de sentido (*Sinn*) e referência (*Bedeutung*), além de uma explicação clara de como esses conceitos se separam da noção tradicional de ideia ou representação (*Vorstellung*). Esta é fundamental para a concepção que Frege tem do estético, embora a representação seja excluída da semântica objetiva apresentada pelo autor no artigo referido.

Para as citações, sempre que possível, apresentamos uma tradução disponível e o original. As três principais citações de *Sobre o Sentido e a Referência* estão em português no corpo do texto, com o original no rodapé. Assim, o leitor poderá verificar com mais facilidade as palavras exatas usadas por Frege.

### **Identidade, sentido e referência**

O problema que impulsiona o artigo de Frege é o problema do tipo de relação que a igualdade poderia apresentar. Se a proposição “ $a = b$ ” for verdadeira, em que ela seria diferente da proposição monótona “ $a = a$ ”?

Desde os gregos, a semântica se apresenta a partir de uma tríade. Em Aristóteles, a tríade aparece como som, estado da alma e coisa,<sup>6</sup> para os pós-cartesianos, som, ideia e coisa.<sup>7</sup>

Se pensarmos a partir dessa tríade tradicional, teremos dificuldade de explicar a diferença entre “ $a = b$ ” e “ $a = a$ ”. À primeira vista, poderíamos dizer que a diferença entre estas proposições fosse da ordem do “som”, dos sinais gráficos utilizados etc. Mas, já que consideramos arbitrário e convencional o uso dos sinais, “ $a = b$ ” e “ $a = a$ ” difeririam apenas por aspectos arbitrários e convencionais. Intuímos, ainda, que a diferença entre as duas proposições não pode ser da ordem da “coisa”, afinal, pretendemos enunciar a identidade e é exatamente no objeto que esperamos encontrar o idêntico.

Da tríade que anunciamos, sobra-nos apenas o “estado da alma” ou “ideia”. Porém, historicamente, esse aspecto da tríade é pensado de duas maneiras fundamentais, que tendem a aproximá-lo ou da “coisa” ou do “som”. Por um lado, mantém certa identidade com a “coisa” ou “objeto” (Aristóteles, medievais). Por outro, de modo a desconectá-lo da coisa e aproximá-lo da arbitrariedade do “som” (pós-cartesianos, mas, mais evidentemente, Locke). A relação entre significante e significado seria, para Aristóteles, por exemplo, uma relação entre um som convencional e um conceito mental que não difere fundamentalmente das coisas<sup>8</sup> – portanto, o conceito de Aristóteles não seria convencional, mas fundado nas próprias coisas. Para Locke, diferentemente, há uma relação entre nomes e ideias que já não guardariam identidade com as coisas, de modo que a relação entre significado e significante perdesse o apoio, ao menos direto e necessário, dos objetos. A relação entre a ideia e a coisa teria algo de convencional<sup>9</sup>, assim como a relação entre a palavra e a ideia. Logo,

---

<sup>6</sup> *Da Interpretação*, 16 a 2-9.

<sup>7</sup> Para uma compreensão da natureza e da história do signo linguístico, ver Auroux (1996, p. 79-124).

<sup>8</sup> *Da Interpretação*, 23 a 32-33.

<sup>9</sup> O livro de Auroux, já referido, apresenta essa ideia a partir do que ele chama de “digitalisation

não poderíamos ficar satisfeitos com a distinção entre “ $a = a$ ” e “ $a = b$ ” a partir desse aspecto mental da tríade, já que poderíamos recair numa distinção arbitrária ou convencional – porque fundamentada na ideia

---

de l'esprit”, que começaria com Descartes e radicalizar-se-ia com Locke. Traduzimos um trecho importante: “[c]om exceção do caso das ideias simples, o sujeito não é um indivíduo passivo diante do mundo das ideias. Se o racionalismo kantiano desenvolve o tema da *espontaneidade* do entendimento, o empirismo lockeano desenvolve o tema da *liberdade do indivíduo* na construção do mundo das ideias: o homem sempre possui a mesma liberdade que Adão no que concerne à constituição das ideias complexas. A revolução linguística cumprida no *Ensaio* consiste em ter projetado a construção do entendimento a partir do *modelo dos signos de instituição*, isto é, a partir do modelo da *linguagem natural*”. No original: “[e]xcepté le cas des idées simples, le sujet n'est pas un individu passif devant le monde des idées. Si le rationalisme kantien développe le thème de la *spontanéité* de l'entendement, l'empirisme lockien développe celui de la *liberté de l'individu* dans la construction du monde des idées: l'homme possède toujours la même liberté que celle d'Adam en ce qui concerne la constitution des idées complexes. La révolution linguistique accomplie dans l'*Essay* consiste à avoir envisagé la construction de l'entendement sur le *modèle des signes d'institution*, c'est à dire sur le modèle du *langage naturel*.” (AUROUX, 1996, p. 96-97). O *Ensaio acerca do entendimento humano* é cheio de referências, sobretudo no livro II, a essa liberdade de operar com ideias simples e produzir ideias complexas que não teriam mais, necessariamente, similaridade com as coisas: “[f]ormadas voluntariamente. [...] Tendo, contudo, adquirido as ideias simples, a mente deixa de se limitar pela mera observação do que lhe é oferecido externamente, passando, mediante seu próprio poder, a reunir as ideias que possui para formar ideias complexas originais, pois jamais foram recebidas assim unidas” (LOCKE, 1991, p. 92, livro II, xii, 2). No original: “Made voluntarily. [...] But when it has once got these simple ideas, it is not confined barely to observation, and what offers itself from without; it can, by its own power, put together those ideas it has, and make new complex ones, which it never received so united.” (E. II, xii, 2). Cf. também: II, i, 5 (que fala da fonte das ideias e da possibilidade de operar com essa fonte); III, v, 3 (sobre a *arbitrariedade* – ‘made arbitrarily’ – das ideias complexas de modos mistos como, por exemplo, a ideia de *beleza*); III, ix, 12 (sobre a dificuldade de significar a tradicional *substância*). A tese de Auroux parece-nos uma radicalização da posição de Locke que, em última análise, não desconecta *completamente* as ideias e as coisas e nem considera *totalmente* arbitrária a composição de ideias. Por exemplo, na referência a Adão, usada por Auroux e que se encontra em III, vi, 51, Locke não se refere a *qualquer* ideia complexa, como parece supor Auroux, mas às ideias complexas de *modos mistos*, que são, certamente, arbitrárias, segundo Locke. No entanto, inegavelmente, Locke considera haver no mundo das ideias vários elementos que resultam, em primeiro lugar, das circunstâncias e experiências do indivíduo, mas também da sua *liberdade* e até *arbitrariedade*. Essa concepção lockeana é a base do problema da objetividade da comunicação (como garantir que temos as mesmas ideias, portanto, que nossa comunicação é efetiva?), que Morris (2007) considera central para entender a problemática fregeana.

formada livremente pelos indivíduos, conforme Locke – ou em algo que seja fiel à coisa – conforme Aristóteles. Nesse caso, a diferença entre as proposições ficaria novamente sem uma boa caracterização.

É exatamente assim que Frege elucida o problema, embora de modo mais simples e direto: seria “ $a = b$ ” uma relação e, se sim, entre objetos ou nomes de objetos? Vejamos:

A igualdade desafia a reflexão dando origem a questões que não são fáceis de responder. É ela uma relação? Uma relação entre objetos? Ou entre nomes ou sinais de objetos? (FREGE, 2009, p. 129)<sup>10</sup>

Frege já elucida o problema de modo a evitar aspectos subjetivos. A ideia (*Vorstellung*), que corresponderia ao “estado da alma” da referida tríade, sequer é considerada como fonte possível de solução do problema. Restariam, então, os sinais (sonoros, gráficos etc.) e os objetos.

Para escapar dessa dicotomia, Frege apresenta a noção de sentido (*Sinn*), separando-a da referência (*Bedeutung*). O referido pelo sinal, segundo a terminologia de Frege, corresponde à tradicional *res*, isto é, à coisa ou ao objeto. “Referência”, para Frege, é uma propriedade do sinal, que é referente de uma coisa referida. O sentido, por outro lado, é um terceiro dado objetivo. Além do sinal percebido e da coisa referida, Frege acrescenta o sentido que o sinal expressa. O plano da semântica de Frege pretende ser todo objetivo: sinais, sentidos e referências.

A diferença entre “ $a = a$ ” e “ $a = b$ ” reside, portanto e para Frege, no sentido. Este conceito objetiva livrar-nos da dicotomia entre objeto e nome sem que recaíamos na ideia que seja similar à coisa (Aristóteles) ou uma convenção (Locke). As duas equações abaixo ajudarão a tornar clara a noção de sentido (*Sinn*):

---

<sup>10</sup> Die Gleichheit fordert das Nachdenken heraus durch Fragen, die sich daran knüpfen und nicht ganz leicht zu beantworten sind. Ist sie eine Beziehung? Eine Beziehung zwischen Gegenständen? Oder zwischen Namen oder Zeichen für Gegenstände? (FREGE, 1962, p. 38)

$$(a) 4 = 4$$

$$(b) (8 \times 7) \div 14 = 4$$

Estas equações diferem não apenas nos nomes, mas nas operações comunicadas. Os sinais usados em (b) têm um sentido diferente daquele utilizado em (a). O agregado de sinais “ $(8 \times 7) \div 14$ ” não é apenas uma maneira arbitrária e prolixa de se referir ao número quatro. Esse agregado de sinais é um modo de apresentar o número quatro. Não é indiferente que abreviemos esses sinais simplesmente substituindo-os pelo sinal mais simples “4”. Se fizéssemos isso, teríamos a equação (a), que nos dá seguramente menos informações que a equação (b). Em outras palavras, “ $E = mc^2$ ” não teria deixado ninguém célebre se fosse expressa simplesmente como “ $E = E$ ”. Frege dá, portanto, o nome de “sentido” a este “modo de apresentação do objeto”. Com a noção de sentido, Frege procura resolver o problema da identidade sem recorrer à dicotomia entre coisa e sinal; ao sinal corresponderá um sentido e não apenas uma coisa referida.

### **Sentido, referência e ideia**

Assentados os conceitos de sentido e referência, procuraremos esclarecer em que eles diferem da já mencionada noção tradicional de ideia ou representação. Para isto, começaremos por mais um trecho de Frege:

Um pintor, um cavaleiro e um zoólogo provavelmente associarão ideias muito diferentes ao nome “Bucéfalo”. A ideia, por tal razão, difere essencialmente do sentido de um sinal, o qual pode ser a propriedade comum de muitos e, portanto, não é uma parte ou modo da mente individual. Pois dificilmente se poderá negar que a humanidade possui um tesouro comum de pensamentos, que é transmitido de uma geração para outra (FREGE, 2009, p. 134).<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Ein Maler, ein Reiter, ein Zoologe werden wahrscheinlich sehr verschiedene Vorstellungen mit dem Namen „Bucephalus“ verbinden. Die Vorstellung unterscheidet sich dadurch wesentlich von dem Sinne eines Zeichens, welcher gemeinsames Eigentum von vielen

A diferença fundamental entre a ideia<sup>12</sup> e o sentido é: enquanto a ideia é subjetiva, o sentido é parte do “tesouro comum de pensamentos”, portanto, objetivo. A palavra “Bucéfalo” pode suscitar inúmeras imagens diferentes em cada ouvinte: pode vir à cabeça a pintura de Degas, a imagem dos livros de História etc. Alguém poderia emocionar-se imediatamente com os feitos de Alexandre montado em Bucéfalo. Porém, nada disso capta o sentido objetivo que permite a comunicação entre dois falantes, quando a palavra é usada. O sentido “pode ser a propriedade comum de muitos”, enquanto a ideia é propriedade da mente do indivíduo. Em outras palavras, o sentido é público, enquanto a ideia é privada.

Em nota (FREGE, 2009, p. 135), Frege ainda distingue a representação como imagem mental de algo ausente e as imagens que nos impressionam enquanto enxergamos diante de nós um objeto sensível qualquer. Estas imagens de um objeto presente também não são objetivas. Importa, por isso, fazer um esclarecimento: do mesmo modo que a ideia não pode ser confundida com o **sentido**, as imagens que um objeto visado presentemente suscitam no indivíduo também não podem ser confundidas com a **referência**. A visão de um objeto não se confunde com o próprio objeto, este sim, a coisa referida pelo sinal. Frege não faz nenhum apelo à subjetividade quando desenvolve sua semântica, nem mesmo ao que mais tarde Russell chamará de *sense data*. Para a semântica de Frege, a

---

sein kann und also nicht Teil oder Modus der Einzelseele ist; denn man wird wohl nicht leugnen können, daß die Menschheit einen gemeinsamen Schatz Von Gedanken hat, den sie von einem Geschlechte auf andere überträgt. (FREGE, 1962, p. 42)

<sup>12</sup> Para que não haja confusão, reproduzimos aqui uma nota do livro de Morris (2007), que explica o que Frege quer dizer com “Vorstellung” e porque “Ideia” é uma boa tradução, no contexto de *Sobre o Sentido e a Referência*: “Frege usou a palavra alemã ‘Vorstellung’, em vez do termo inglês ‘idea’, mas parece claro que seu alvo é algo muito parecido com a concepção lockeana, numa leitura tradicional desta concepção. Então, parece justo caracterizar a concepção de Frege pelo termo técnico ‘Idea’” (tradução nossa). Este trecho, no original: “Frege used the German word ‘Vorstellung’ rather than the English word ‘idea’, but it seems clear that his target is something very like the Lockean view, on a natural reading of that view. So it seems fair to characterize Frege’s view by means of the technical term ‘Idea’” (p. 23, nota 3). Portanto, o termo “ideia”, em português, será usado para exprimir a concepção “lockeana [...], numa leitura tradicional desta concepção”.

evidência sensível não tem nenhum papel privilegiado; ao contrário, é afastada pelo mesmo golpe com que ele afasta a representação.

Para esclarecimento da questão, usaremos uma ilustração de Frege. Imaginemos a lua vista pelo telescópio. A comparação entre essa observação e os três conceitos (representação, sentido e referência) é feita do seguinte modo: a) a própria lua ilustra a **referência**; b) a imagem da lua produzida pelo arranjo das lentes no telescópio corresponde ao **sentido**; c) a imagem da lua na retina do observador exemplifica a **ideia**. Podemos perceber, ainda, que a própria lua e a sua imagem produzida nas lentes são dados objetivos, enquanto a imagem retiniana é do sujeito. É claro que poderíamos ainda pensar que a imagem retiniana é, também, objetiva, e talvez pudesse ser captada, projetada para outro etc. Frege não descarta essa possibilidade, mas isso pode ser visto apenas como um limite para a analogia que, afinal de contas, é apenas uma ilustração de conceitos que devem ser apreendidos por si mesmos.

## **Estética e ideia**

Esclarecidos os conceitos de sentido e referência, bem como sua diferença em relação à ideia ou representação, podemos apresentar o papel desempenhado pela ideia na estética. O trecho a seguir nos parece importante para discutir a questão:

Podemos, agora, admitir três planos de diferença entre palavras, expressões e sentenças completas. Estas diferem [entre si] seja quanto às ideias, seja quanto ao sentido mas não à referência, ou finalmente seja também quanto à referência. Quanto ao primeiro plano, deve-se notar que, devido à associação incerta das ideias com as palavras, alguém pode ver uma diferença que outro não consegue ver. A diferença entre uma tradução e o texto original não deveria ultrapassar este primeiro plano. Pertencem ainda a essas possíveis diferenças os coloridos e os sombreados que a arte poética e a eloquência procuram dar ao sentido. Tais coloridos e sombreados não são objetivos,

mas devem ser evocados pelo próprio ouvinte ou leitor, conforme as sugestões do poeta ou do orador. Se não houvesse alguma afinidade entre as ideias humanas, a arte seria certamente impossível, embora não se possa averiguar exatamente até onde estas correspondem às intenções do poeta (FREGE, 2009, p. 136).<sup>13</sup>

Em primeiro lugar, é notável que Frege não afaste inteiramente a possibilidade de que as palavras suscitem ideias (representações, *Vorstellungen*) no íntimo dos indivíduos. Entre as palavras, as expressões e as sentenças completas, Frege admite as ideias como fonte de diferença. O que Frege não admite é que essas ideias sejam: a) confundidas com o sentido ou com a referência; b) importantes para o significado objetivo das palavras, expressões ou sentenças completas; c) importantes para a ciência. Pessoas diferentes podem captar o mesmo sentido quando ouvem a descrição “o cavalo de Alexandre Magno”, mas as imagens mentais que esta expressão suscita são potencialmente infinitas<sup>14</sup> e não podem ser compartilhadas entre dois indivíduos. Mesmo que acreditemos que dois indivíduos tenham a mesma ideia, Frege argumenta: *si duo idem faciunt, non est idem* (se dois fazem o mesmo, não é o mesmo) (FREGE, 2009, p. 135). A

<sup>13</sup> Wir können nun drei Stufen der Verschiedenheit von Wörtern, Ausdrücken und ganzen Sätzen erkennen. Entweder betrifft der Unterschied höchstens die Vorstellungen, oder den Sinn aber nicht die Bedeutung, oder endlich auch die Bedeutung. In bezug auf die erste Stufe ist zu bemerken, daß, wegen der unsicheren Verbindung der Vorstellungen mit den Worten, für den einen eine Verschiedenheit bestehen kann, die der andere nicht findet. Der Unterschied der Übersetzung von der Urschrift soll eigentlich die erste Stufe nicht überschreiten. Zu den hier noch möglichen Unterschieden gehören die Färbungen und Beleuchtungen, welche Dichtkunst [und] Beredsamkeit dem Sinne zu geben suchen. Diese Färbungen und Beleuchtungen sind nicht objektiv, sondern jeder Hörer und Leser muß sie sich selbst nach den Winken des Dichters oder Redners hinzuschaffen. Ohne eine Verwandtschaft des menschlichen Vorstellens wäre freilich die Kunst nicht möglich; wieweit aber den Absichten des Dichters entsprochen wird, kann nie genau ermittelt werden (FREGE, 1962, p. 43).

<sup>14</sup> Conforme dissemos anteriormente, Frege argumenta que a palavra “Bucéfalo”, que nomeia o cavalo de Alexandre, deverá produzir imagens mentais diferentes em um pintor como Degas ou num cavaleiro medieval. *Ibidem*, p. 134, *in fine*.

ideia do outro seria sempre opaca para outra consciência. O sentido, entretanto, pretende ser, no caso dessa expressão, único: “o cavalo de Alexandre Magno” seria inteligível para qualquer falante que aprendeu o português, e Frege aposta que dois falantes são capazes de captar o mesmo sentido.<sup>15</sup>

Ainda no trecho citado acima, após rápida menção ao ideal de tradutibilidade a partir das noções de ideia, sentido e referência,<sup>16</sup> Frege apresenta o que ele considera ser o “colorido” (*Färbung*) da arte poética: as ideias, imagens e emoções – numa palavra, *pathos* – que os sentidos podem produzir no leitor. A arte poética tem sentido, mas isto não seria suficiente para esgotar o horizonte de comunicação entre o poeta e o leitor, conquanto o alcance desse diálogo não possa ser perscrutado com exatidão. O horizonte da comunicação entre o poeta e o leitor tem uma franja subjetiva que “colore” ou “sombreia” o sentido, que é objetivo. Em outras palavras, o poema é composto de sinais e sentidos (às vezes, até mesmo referências<sup>17</sup>), mas o efeito estético ultrapassa essa objetividade captável por qualquer falante.

Por último, o trecho apresenta uma tese psicológica para a arte poética: “Se não houvesse alguma afinidade entre as ideias humanas, a arte seria certamente impossível”. Frege é, reconhecidamente, um autor que procura evitar o “psicologismo”, seja em *Lógica*, seja em qualquer linguagem artificial que vise algum papel na ciência.<sup>18</sup> Apesar de evitá-lo

---

<sup>15</sup> Frege não descarta o equívoco, mas acredita na possibilidade de correção dessas falhas semânticas, seja por meio de uma língua artificial – ou uma “conceitografia” – construída para evitar os inconvenientes das línguas naturais, seja pelo contexto, por explicações adicionais etc.

<sup>16</sup> Uma tradução correta deveria resguardar os sentidos e as referências do texto original, porque ideias subjetivas não são traduzíveis.

<sup>17</sup> Um poema sobre Alexandre ou Bucéfalo pode ter sentenças verdadeiras sobre esses objetos que supomos ter existência histórica. Entretanto, um poema não necessita verdadeiramente de referências, já que a verdade ou falsidade do discurso não está, comumente, em questão. Um poema, normalmente, não está em contexto de asserção.

<sup>18</sup> Cf. prefácio da *Conceitografia* (p. 46): “Assim, minha conceitografia foi concebida como um instrumento para servir a determinados fins científicos e não deve ser descartada

nesses contextos “duros”, Frege reconhece que a arte poética depende de um horizonte psicológico da comunicação.

Retornemos ao problema introduzido no início deste artigo: em que a arte poética diferencia-se da filosofia? O que há de especial nos *logoi* do poeta e do filósofo? Dissemos que Platão centra a distinção no compromisso com a verdade. Não é diferente no caso de Frege. Em carta a Husserl,<sup>19</sup> Frege diz que a linguagem, em uso poético, não carece de algo mais que o sentido (que, obviamente e como dissemos, pode ensejar representações e emoções no sujeito); para o uso científico, é necessário preocupar-se também com a referência. Essa necessidade de referência é devida à exigência de verdade para o *logos* científico. Cumpre fazer, sobre isto, um esclarecimento: a “exigência de verdade” de que falamos aqui não é de uma verdade indiscutível e nem

---

pelo fato de não servir para outras finalidades” Este trecho, no original: “So ist diese Begriffsschrift ein für bestimmte wissenschaftliche Zwecke ersonnenes Hilfsmittel, das man nicht deshalb verurtheilen darf, weil es für andere nichts taugt.” (2014, p. XI). Em outras palavras, é desejável que a ciência – sobretudo a matemática, para nos atermos ao contexto da citação – esteja livre dos equívocos e das dificuldades operatórias da língua natural (a “impura linguagem dos homens” com a qual lida o poeta, nas palavras de Mário Quintana). Não é impossível que se apreenda a matemática em horizonte estético, já que alguém pode opinar acerca da “beleza” de – ou se emocionar por – uma demonstração de um teorema. Mas Frege certamente não gostaria que sua “conceitografia” fosse censurada por não emocionar alguém ou por retirar a elegância de demonstrações menos formalistas e mais “intuitivas”.

<sup>19</sup> “Para o uso poético, basta que tudo tenha um sentido; para o uso científico, não podem faltar também as referências” (tradução nossa). Este trecho, no original: “Für den dichterischen Gebrauch genügt es, daß Alles einen Sinn habe, für den wissenschaftlichen dürfen auch die Bedeutungen nicht fehlen (FREGE, 1980, p. 35)”. A ideia de que o sentido é suficiente para a poesia é repetida em *Digressões sobre Sentido e Referência*: “Na poesia, naturalmente, as palavras têm apenas sentido; na ciência, porém, e onde quer que nos preocupe investigar a verdade, não nos contentaremos apenas com o sentido [...]” (FREGE, 2009, p. 159). Este trecho, no original: “In der Dichtung haben die Wörter freilich nur einen Sinn, aber in der Wissenschaft und überall, wo uns die Frage nach der Wahrheit beschäftigt, wollen wir uns nicht mit dem Sinne begnügen [...]” (FREGE, 1978, p. 25). Muito embora este texto acrescente considerações importantes sobre a distinção entre sentido e referência aplicada à noção fregeana de conceito (*Begriff*), não trataremos desses acréscimos aqui. (GABRIEL, 1978, p. XVI, *in fine*).

de uma concepção metafísica da verdade como um ideal plenamente realizável, mas de um *logos* que se comprometa com a verdade. Se dissermos “Ulisses desembarcou em Ítaca”, não nos preocupamos com a verdade disto, mas com seu sentido e, talvez, com as imagens que a *Odisseia* proporciona-nos. Assim, é indiferente, para o efeito estético, se o nome “Ulisses” tem ou não uma referência. Ao contrário, quando dizemos que “Napoleão foi derrotado em Waterloo”, pensamos que o nome “Napoleão” tem (ou teve) uma referência, já que pensamos que a frase é verdadeira. Em outras palavras, se estivermos interessados em defender a verdade histórica dessa frase (ou contestar sua veracidade), não nos contentaremos apenas com o sentido, mas nos comprometeremos com a existência de algo de nome “Napoleão”.

É importante destacar, ainda, por insólita que pareça a tese, que o próprio *valor de verdade*, para Frege, é a referência de uma sentença completa. Isso quer dizer que uma sentença assertiva se referiria ao seu valor de verdade, de modo que as referências de sentenças completas seriam apenas duas: o Verdadeiro e o Falso. Assim, “Napoleão foi derrotado em Waterloo” e “A órbita dos planetas é elíptica” teriam, ambas, a mesma referência: presumidamente, o Verdadeiro. Para Frege, toda a riqueza da informação científica residiria nos sentidos. Mas não haveria verdade sem referência.

A abertura que a poesia tem para o fantástico consistiria exatamente no seu descompromisso com a verdade e, portanto, com a referência a coisas com existência extralinguística. Para Platão, o descompromisso com a verdade poderia ser nocivo para a educação dos futuros cidadãos da *polis*. Frege não faz esse tipo de juízo, embora procure, tanto quanto Platão, traçar uma separação clara entre o *logos* do poeta e o *logos* do cientista. Em todo caso, poderíamos deduzir um corolário da postura fregeana: se um filósofo deixa de se comprometer com a verdade do que diz, então é lançado no campo da literatura. Sem a verdade, a filosofia estaria, novamente e apesar do esforço de Platão, misturada ao *logos* homérico ou mitológico.

## Conclusão

Vimos que Frege objetiva traçar, na própria linguagem, uma distinção clara entre o uso poético e o científico a partir de suas noções de ideia, sentido e referência. A ideia mantém-se importante para estender o horizonte da comunicação entre o artista e o seu público, garantindo-lhe o que chamamos de “franja subjetiva”. Seria errado dizer que Frege não admite nenhuma subjetividade na comunicação *in toto*. Mais preciso seria dizer que ele procura apresentar noções que têm por fim tornar a comunicação a mais objetiva possível, de modo que a ciência possa servir-se de linguagens capazes de produzir sentidos inequívocos e designar inequivocamente suas referências. Para Frege, porém, o estético tem lugar na linguagem, mesmo que o poeta não possa ter certeza de que comunicou suas intenções, já que não tem acesso, nos leitores, à franja subjetiva proporcionada pelo sentido dos sinais utilizados.

Acrescentemos ainda que este trabalho, por ter se concentrado, sobretudo, em *Sobre o Sentido e a Referência*, não pôde avaliar alguns desdobramentos possíveis, como a consideração da referência de expressões conceituais (*Begriffsausdrücke*)<sup>20</sup> e as implicações disto para a diferenciação entre uso poético e científico da linguagem. Uma menção desse desenvolvimento está em Gabriel (1978, p. XVII), em que se indica que uma referência precisa para as expressões conceituais pode ser importante para manter o princípio do terceiro excluído. A continuidade deste trabalho poderia avançar nessa direção. E uma descrição mais completa do significado da verdade em Frege – comparada ao uso poético da linguagem – exigiria esse avanço.

---

<sup>20</sup> A palavra “conceito”, em Frege, nomeia uma das partes analisadas em uma proposição. Por exemplo, podemos analisar a proposição “Aristóteles é filósofo” em, pelo menos, duas partes: “Aristóteles”, que é nome de um argumento, e “x é filósofo”, em que ‘x’ é variável e a expressão toda é o nome de uma função de um argumento – a este tipo de função, Frege dá o nome de “conceito”. O problema da referência do conceito é o de saber a que se referiria a expressão “x é filósofo”, nesse caso.

## Referências

AUROUX, S. *La Philosophie du langage*. Paris: PUF, 1996.

ARISTÓTELES. *Sur l'interprétation*. Tradução de Catherine Dalimier. Paris: Flammarion, 2007.

FREGE, G. Ausführungen über Sinn und Bedeutung. In: \_\_\_\_\_. *Schriften zur Logik und Sprachphilosophie*. Hamburgo: Felix Meiner, 1978. p. 25-34.

\_\_\_\_\_. *Begriffsschrift und andere Aufsätze*. Hildesheim: Olms, 2014.

\_\_\_\_\_. Conceitografia, Prefácio. In: \_\_\_\_\_. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. Seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado. São Paulo: Edusp, 2009. p. 43-50.

\_\_\_\_\_. Digressões sobre o sentido e a referência. In: \_\_\_\_\_. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. Seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado. São Paulo: Edusp, 2009. p. 159-169.

\_\_\_\_\_. *Gottlob Freges Briefwechsel mit D. Hilbert, E. Husserl, B. Russell, sowie ausgewählte Einzelbriefe Freges*. Hamburg: Felix Meiner, 1980.

\_\_\_\_\_. Sinn und Bedeutung. In: \_\_\_\_\_. *Funktion, Begriff, Bedeutung: Fünf logische Studien*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1962.

\_\_\_\_\_. Sobre o sentido e a referência. In: \_\_\_\_\_. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. Seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado. São Paulo: Edusp, 2009. p. 129-158.

GABRIEL, G. Logik und Sprachphilosophie bei Frege: zum Verhältnis von Gebrauchssprache, Dichtung und Wissenschaft. In: \_\_\_\_\_. *Schriften zur Logik und Sprachphilosophie*. Hamburgo: Felix Meiner, 1978. p. XI – XXVII.

LOCKE, J. *Ensaio acerca do entendimento humano*. Tradução de Anomar Aiex. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. *An essay concerning human understanding*. Edited by Peter H. Nidditch. Oxford: Clarendon Press, 1975.

MORRIS, M. *An introduction to the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

Data de registro: 03/11/2015

Data de aceite: 26/02/2016